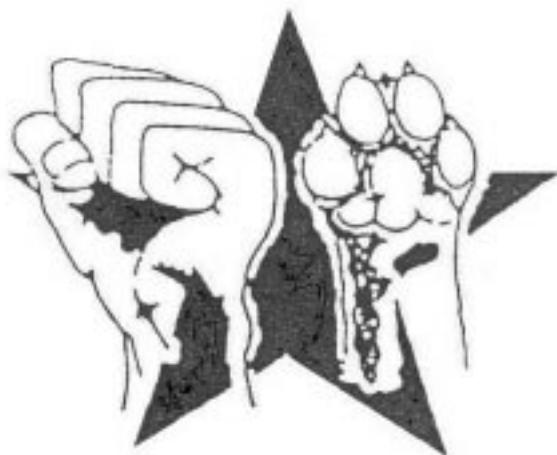
Libertação Animal e Revolução Social

Brian A. Dominik

uma perspectiva vegana do anarquismo
ou
uma perspectiva anarquista do veganismo

Edição Original: *Animal Liberation and Social Revolution*, escrito por Brian A. Dominick e publicado pelo colectivo *Critical Mass Media* em 1995.

Discórdia
edições

Braga, Novembro 2002

Índice

“No inicio do seculo XX, Thoma Edison imaginou uma forma de demonstrar, de uma só vez, o poder da electricidade e o impacto de uma câmara de filmar. Ele filmou a electrocução pública de um elefante”
- Larry Law

Os Veganarquistas

Desde algum tempo para cá, a libertação animal e os activistas que lutam em seu nome têm sido confundidos num discurso e acção turbulentos. Apesar das teorias sobre a libertação animal e o seu activismo serem raramente bem recebidos, ou tomados com seriedade pelo pensamento maioritário esquerdista, muitos anarquistas começam a reconhecer a sua legitimidade, não apenas como causa válida, mas também como um aspecto integral e indispensável da teoria radical e da prática revolucionária. Enquanto a maioria que se autodenomina anarquista não abraça a libertação animal e o seu modo de vida correspondente – veganismo - um crescente número de jovens anarquistas estão a adoptar a ecologia e liberação animal como parte integrante da sua praxis[1].

Da mesma forma, muitos veganos e alfs[2] estão a ser influenciados pelo pensamento anarquista e a sua valiosa tradição. Tal é evidenciado com a crescente hostilidade dos activistas pela libertação animal em relação às estadistas, capitalistas, sexistas, racistas e idadistas[3] normas estabelecidas, que têm escalado a intensidade da sua guerra, não apenas em animais não-humanos, como também nos seus sustentadores humanos. A relativamente nova comunidade de alfs está rapidamente a tomar consciência da totalidade da força que serve de combustível à máquina especista, representada pela sociedade moderna. Com o crescer dessa consciência, deverá também crescer a afinidade entre alfs e os seus mais socialmente orientados companheiros, os anarquistas.

Quanto mais reconhecermos as semelhanças e a interdependência das nossas lutas, que em tempos considerávamos bem diferentes, melhor compreendemos o verdadeiro significado de libertação e da revolução.

Apesar da visão alargada do mundo, anarquistas e alfs partilham metodologia e estratégica. Sem pretender ser capaz de falar por todos, direi que os verdadeiros anarquistas e alfs buscam realizar as suas visões através de qualquer meio que seja eficaz. Entendemos, ao contrário da ideia convencional sobre as nossas posições, que a destruição e a violência não nos levarão ao objectivo que desejamos. Mas opostamente aos liberais e progressistas, cujos objectivos são limitados a reformas, estamos dispostos a admitir que a verdadeira mudança surgirá apenas quando acrescentarmos forças destrutivas à transformação criativa da sociedade. Podemos construir tudo o que desejarmos, e devemos ser o mais pró-activos possível. Mas entendemos também que só teremos espaço para uma criação livre quando eliminarmos o que nos impede disso.

Sou vegano porque sinto compaixão pelos animais; vejo-os como seres que possuem valores não diferentes dos humanos. Sou anarquista porque sinto a mesma compaixão pelos humanos, e porque recuso conformar-me com perspectivas comprometedoras, estratégias reformistas e objectivos corruptos. Como radical, a minha abordagem em relação à libertação humana e animal é sem compromisso: Liberdade total para tod@s, senão...

Neste ensaio tenciono demonstrar que qualquer abordagem sobre a mudança social deve ser acompanhada de uma compreensão, não apenas das relações sociais, mas também das relações entre o ser humano e a natureza, incluindo animais não humanos. Também espero mostrar como nenhuma abordagem sobre a libertação animal é possível, sem um entendimento e empenho social revolucionários.

“Cada um tem um montante limitado de tempo e energia, e o tempo aplicado no trabalho activo para uma causa reduz o tempo disponível para outra causa; mas não existe nada que impeça aqueles que dão o seu tempo e energia aos problemas humanos, de se juntarem ao boicote da industria da crueldade. Não demora mais tempo ser-se vegetariano do que comer carne...
Quando os não-vegetarianos dizem ‘os problemas humanos vêm primeiro’, eu não posso deixar de perguntar sobre exactamente, o que é eles fazem pelos seres humanos que os obriga a continuar a suportar o desperdício e a falta de compaixão presentes na criação intensiva de animais.”
- Peter Singer, *Libertação Animal*

O que é a Revolução Social?

Revolução é uma daquelas palavras cujo significado varia muito entre a forma como é usado por cada pessoa. De facto, será mais seguro dizer que não existem duas pessoas que partilhem a mesma ideia sobre o que “revolução” realmente significa. É isso mesmo, o que na minha forma de ver, torna a revolução realmente bela.

Quando falo em revolução, refiro-me a uma transformação profunda da sociedade. Mas a minha revolução não é definida por mudanças objectivas no mundo em meu redor, tal como o derrube do estado ou do capitalismo. Esses, para mim, são apenas sintomas. A revolução em si não se poderá encontrar fora de nós mesmos. É completamente interna, completamente pessoal.

Cada indivíduo tem a sua perspectiva. Cada um de nós vê o mundo de uma forma particular. No entanto, a maioria das pessoas têm as suas perspectivas moldadas pela sociedade em que vivem. A esmagadora maioria de nós, vê o mundo e vê-se a si mesmo de uma forma condicionada pelas instituições que controlam as nossas vidas, como por exemplo, o governo, a família, o casamento, a igreja, as empresas, a escola, etc. Cada uma destas instituições, por sua vez,

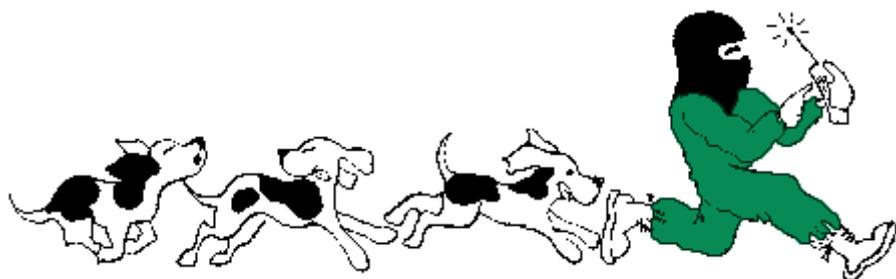
faz parte do que eu chamo *Estabelecido*, uma entidade que existe somente para a perpetuação do poder de uma relativa minoria. Apoiada pela paixão das elites, de mais e mais poder, o *Estabelecido* desenha necessariamente o poder sobre resto do mundo, a partir do domínio.

O *Estabelecido* pratica várias formas de opressão; a maioria delas frequentemente legitimadas, mas raramente compreendidas, e muito menos contestadas. Em primeiro lugar existe o classicismo que representa a opressão económica; estadismo ou a subjugação do povo sob autoridade política; sexismo e homofobia, a opressão baseada na supremacia (masculina) heterossexual ou patriarcado; e racismo, um termo geral para opressões baseadas em etnocentrismos. Para além destas formas de opressão mais frequentemente reconhecidas, há a o idadismo[4], a dominação dos adultos sob as crianças e adolescentes; e finalmente, a opressão que resulta do antropocentrismo, nomeadamente o especismo e a destruição ambiental.

Durante a história da evolução social humana, o *Estabelecido* tem sido dependente das dinâmicas de domínio descritas, e tem aumentado e concentrado o seu poder como resultado dessa dependência. Consequentemente, cada forma de opressão tem-se tornado interdependente. A infusão de diferentes dinâmicas de domínio tem servido para estas se realçarem e completarem, tanto em versatilidade como em força.

Assim, a força por detrás das instituições que conseguiram socialmente educar-nos, é a mesma força por detrás do racismo, especismo, sexismo, classicismo, etc.. Seria razoável assumir então, que a maioria de nós, como produto das instituições do *Estabelecido*, fomos moldados socialmente para alimentar a opressão dentro, e entre todos nós.

Revolução é o *processo* - não o evento - de desafiar a falsidade da sabedoria e dos valores que nos foram ensinados; e ao desafiar as acções, aprendemos a fazer e a não fazer. Somos nós o próprio inimigo. Eliminar os opressores da nossa cabeça será a revolução –

observar a sua construção desabar nas ruas, será simplesmente um sinal (agradável!) de que nos estamos a revoltar juntos de uma forma unida e sem restrições. A revolução social é a colecção dos processos internos. Mudanças sociais radicais das condições objectivas em cujo contexto vivemos, só poderão resultar a partir de tal revolução.

“Alguns defensores dos animais pensam que o reconhecimento dos direitos dos animais significa uma oposição ao aborto. Nada poderia estar mais afastado da verdade. O aborto representa um problema moral *único*, que não aparece em mais nenhuma situação na sociedade. Mesmo que o feto seja considerado como uma “pessoa” com direitos, a realidade é que *este portador de direitos subserviente, vive dentro do corpo do portador de direito primário – a mãe*. Podemos deixar a decisão de terminar a gravidez à mãe, ou podemos deixar essa decisão a algum homem branco legislador ou juiz que nunca poderá engravidar. Na nossa sociedade patriarcal, estas são as únicas opções que temos. No nosso ponto de vista, a oposição à opressão compromete-nos a apoiar a liberdade de escolha.”

- Anna E.Charlton, Sue Coe & Gary Francione, *The American Left Should Support Animal Rights: A Manifesto*

Veganismo Radical

Outras duas palavras, cujos significados são frequentemente mal interpretados, são “radicalismo” e “veganismo”. A utilização destes termos por liberais, centrados em si mesmos e de visão curta, tem removido o potencial inicial que lhes era conferido. Mais uma vez, sem pretender aclamar o monopólio de “verdadeiras “definições, ofereço o meu significado pessoal destes termos.

Radicalismo e extremismo, ao contrário da crença popular, não são de maneira alguma sinónimos. A palavra “radical” é derivada, da raiz do latim ‘*rad*’, que significa raiz. Radicalismo não é uma medição do grau de fanatismo ideológico, para a direita ou para a esquerda. Radicalismo descreve um estilo de abordagem sobre problemas sociais. O radical, literalmente falando, é alguém que procura atingir a raiz de um problema, para que possa atacá-lo em busca de uma solução.

Os radicais não limitam os seus objectivos a reformas. Não é seu objectivo fazer concessões aos responsáveis, para conseguir um atenuante da miséria que resulta da opressão. Essas são tarefas nor-

malmente levadas a cabo por liberais e progressistas. Enquanto reconhecem que em certas situações há ganhos a obter com reformas, os radicais consideram que apenas a vitória é um fim satisfatório – um fim definido como uma mudança revolucionária nas raízes da opressão.

Pela minha definição, vegetarianismo puro, não é veganismo. Recusando consumir produtos de animais não humanos, paralelamente com uma escolha de um maravilhoso estilo de vida, não é em si veganismo. O vegano baseia a sua escolha numa compreensão radical sobre o que a opressão animal realmente é, e o seu estilo de vida é altamente informado e politizado.

Por exemplo, não é raro as pessoas que se auto-proclamam veganas justificarem a sua preocupação em não consumirem produtos de multinacionais, afirmando que os animais são indefesos, enquanto as pessoas não. Muitos vegetarianos não se apercebem da validade das causas da libertação humana, ou vêem-nas de forma subordinada em relação à importância dos animais que não se podem defender. Esta mentalidade expõe a ignorância dos vegetarianos liberais, não só pela opressão humana como também pela conexão, profundamente enraizada, entre a extensão do sistema capitalista e as indústrias de exploração animal.

Muitas pessoas que se auto proclamam veganos e activistas pelos direitos dos animais, na minha perspectiva, têm pouco ou nenhum conhecimento sobre ciência social; e muitas vezes o que eles “sabem” sobre as relações entre sociedade e natureza não-humana está cheio de falsos conceitos. Por exemplo, não é com pouca frequência que se ouve veganos argumentar que é o consumo de comida de origem animal que provoca a fome no mundo. Afinal de contas, mais de 80% de cereais colhidos nos EUA vai para alimentar o gado, e tal seria mais do que suficiente para alimentar a fome que há no mundo. Parece lógico concluir, então, que o fim do consumo de animais nos EUA resultaria na alimentação de pessoas necessitadas noutros lugares.

Mas tal é totalmente falso! *Se os norte americanos parassem de comer carne no próximo ano, seria pouco provável que uma única pessoa que esteja a sofrer de subnutrição fosse alimentada com cereais frescos do solo americano*. Isto porque o problema da fome mundial, como o problema do excesso de população, não é nada do que parece. Estes problemas têm a sua raiz na disponibilidade de recursos. As elites requerem escassez – um fornecimento apertadamente restringido de recursos – por duas razões principais. Em primeiro lugar, o valor de mercado das mercadorias desce decisivamente com a subida dos fornecimentos. Se os cereais que agora alimentam o stock de comida de origem animal, fossem de repente postos a disposição, tal alteração faria baixar drá0sticamente os preços dos cereais, minando a margem de lucro. Assim, as elites que possuem investimentos no mercado da agricultura de cereais, têm interesses directamente correspondentes aos das elites que gerem parte do mercado da agricultura animal. Os vegetarianos tendem a pensar que os agricultores de cereais e vegetais são benignos, enquanto os agricultores envolvidos na exploração animal são vilões. No entanto, o facto é que os vegetais são um bem, e aqueles com interesses financeiros na indústria vegetal não querem disponibilizar o seu produto, se tal significar produzir mais para obter ainda menos lucro.

Em segundo lugar, existe o facto da distribuição de comida, a nível nacional e internacional, ser uma ferramenta política. Governos e organizações económicas internacionais, manipulam cuidadosamente os fornecimentos de água e comida de forma a controlarem países inteiros. Há alturas em que a comida é impedida de chegar a pessoas esfomeadas, de forma a estas permanecerem dóceis e fracas. Noutras alturas, um fornecimento gratuito de comida faz parte duma estratégia para apaziguar a população agitada à beira de uma revolta.

Sabendo tudo isto torna-se razoável assumir que o governo americano, tão apertadamente controlado por interesses privados, apoiaria a não produção de cereais, de forma a salvar a indústria de

um possível colapso. Fácilmente se pagaria aos agricultores para não produzirem cereais , ou mesmo para destruírem as suas colheitas.

Não é suficiente boicotar a indústria de carne e esperar que os recursos sejam redistribuídos para alimentar os necessitados. Temos de estabelecer um sistema que realmente tencione ir de encontro às necessidades humanas, o que implica uma revolução social.

Esta é só uma das muitas ligações entre a exploração animal e a exploração humana, mas ilustra bem a necessidade de uma revolução *total*. Uma revolução nas relações entre humanos e animais foi focada cuidadosamente e é, de facto, apropriada à natureza da sociedade moderna. Uma das primeiras razões pelas quais os animais são explorados é porque é rentável. Os vegetarianos tendem a entender apenas esta razão. Mas a indústria da carne (incluindo produção de lacticínios e vivissecção[5]) não é uma entidade isolada. A indústria da carne não será destruída enquanto o capitalismo de mercado não for destruído, por ser este último que providencia impulso e iniciativa ao agricultor. E para os capitalistas, a perspectiva de obter lucros fáceis a partir da exploração animal é irresistível.

O motivo do lucro não é o único factor social que encoraja à exploração animal. De facto, a economia é apenas uma das formas de relação social. Temos também a política, a cultura, as relações inter-pessoais, cada uma das quais pode ser demonstrada para influenciar a percepção de que os animais existem para uso dos humanos.

A bíblia cristã e a religião ocidental em geral, estão cheias de referências ao alegado “direito divino” dos humanos em usar as con-trapartes não humanas de acordo com as suas necessidades. Neste momento da história é até absurdo alguém pensar que os humanos *necessitam* explorar os animais. É muito pouco aquilo que se ganha com o sofrimento dos animais não-humanos. Mas *deus* supostamente disse que nós podíamos usá-los, e então continuamos a fazê-lo, apesar do facto de termos desenvolvido a capacidade para satisfazer todas as nossas necessidades reais, que no passado envolviam a utilização de animais.

Os vivisectores dizem que podemos aprender dos animais não humanos, e usam este argumento para justificar a tortura e assassinato de seres sensíveis e conscientes. Os radicais têm de se aperceber, como fazem os veganos, que realmente o que podemos aprender com os animais, é como viver uma relação saudável e mútua com o nosso ambiente. É *necessário* observar os animais no seu ambiente natural, e imitar as suas relações ambientais, onde seja aplicável, no nosso. Tal entendimento de harmonia entre humanos e a natureza irá um dia salvar e acrescentar valor a mais vidas, do que a "ciência" de tortura animal alguma vez conseguirá ao tentar ancontrar a cura para o cancro. Afinal, a *raiz* da maioria dos cancros reside no mau tratamento da natureza pelos humanos. Nenhum radical pode esperar que uma solução para tal problema possa ser descoberta com mais destruição da natureza através da experimentação animal.

As correlações entre especismo e racismo - entre a forma como se tratam os animais e as pessoas de côr - também tem sido demonstrada explícitamente (e gráficamente). No seu livro, *The Dreaded Compararison: Human and Animal Slavery*, Marjorie Spiegel desenha astutamente incríveis comparações entre o tratamento dado aos animais pelo homem e o tratamento dado às "raças inferiores" pelos brancos, afirmando que "ambos os tratamentos são construídos à volta da mesma relação de base que existe entre opressor e oprimido". Tal como Spiegel o ilustra, o tratamento dos não brancos pelos brancos tem sido assustadoramente semelhante ao tratamento dos não humanos pelos humanos. Decidir se uma opressão é válida e outra não, é limitar de forma consciente a compreensão do mundo, comprometendo-se a uma ignorância voluntária, frequentemente sem ser por conveniência pessoal. "Uma causa de cada vez", diz o pensador monista[6], como se estas dinâmicas interrelacionadas pudessem ser esterilizadas e extraídas da relação que têm entre si.

O domínio masculino na forma de patriarcado e especismo, originado pelo antropocentrismo, tem sido exposto com claridade poética por Carol Adams, no seu livro *The Sexual Politics of meat*. Feminismo e veganismo têm muito em comum, e cada um tem

bastante a ensinar e aprender com o outro. Depois de desenhar comparações concretas entre a perspectiva patriarcal e tratamento de animais, Adams descreve e apela ao reconhecimento da profunda ligação entre os modos de vida vegano e feminista.

Uma comparação entre relações interpessoais e relações homem-animal que não foi correctamente examinada, inclui o tratamento adulto das crianças e jovens, tal como o tratamento adulto dos idosos. Em cada caso o oprimido é visto como alguém sem total responsabilidade sobre os seus actos. Por exemplo, as crianças e os idosos são igualmente vistos como débeis e incompetentes (independentemente do seu actual potencial pela responsabilidade). O idadismo está enraizado em algo que eu chamo adultocracia, que se refere à noção de que os adultos possuem uma certa qualidade de responsabilidade não encontrada nos mais velhos ou nos mais novos. Tal como os animais, aqueles que são oprimidos pelo idadismo são tratados como objectos desprovidos de carácter individual e de valor. São explorados sempre que possível, vantajosos quando considerados "giros", mas quase nunca lhes é dado o respeito oferecido aos humanos adultos. As crianças, os idosos e os animais são seres vivos pensantes e sensíveis, e isto é de alguma forma esquecido pelos adultos na sua busca por domínio e poder. Não diferente do patriarcado, a adultocracia não requer uma hierarquia formal: afirma o seu domínio convencendo as suas vítimas que são, de facto, menos válidas do que os opressores adultos. Os não-humanos também podem ser facilmente invalidados. Privá-los de qualquer liberdade que lhes permita desenvolverem carácter individual, é um grande passo nessa direcção.

Não há dúvidas de que o Estado está do lado daqueles que exploram os animais. Com algumas excepções, a lei é decididamente anti-animal. Isso é demonstrado tanto pelos subsídios dados pelo governo às indústrias de carne e lacticínios, de vivissecção e utilização militar dos não-humanos, como pela sua oposição aqueles que resistem às indústrias de exploração animal. Os políticos nunca irão

entender porque é que o estado deveria proteger os animais. Afinal de contas, todas as esferas da vida social perdoam e encorajam os seus abusos. Agindo segundo os "interesses" do eleitorado (humano), as decisões serão sempre traduzidas, por muito absurdo que seja, contra os interesses do reino animal, uma vasto eleitorado que ainda não recebeu o direito a votar.

Mas os anarquistas perguntam, caso fosse oferecido o sufrágio a cada animal e depois garantida a sua necessidade de protecção votando, teríamos uma sociedade melhor? Isto é, queremos realmente que o estado se meta entre humanos e animais, ou preferimos eliminar a necessidade de tal barreira? A maioria concordaria que ter humanos a decidir contra o consumo de animais sem nenhuma coacção, é a opção óptima. Afinal de contas, se a proibição do álcool originou tanto crime e violência, imaginem a crise social que a proibição da carne iria criar! Tal como a guerra da droga nunca fará nada para solucionar os problemas surgidos pela dependência química e o seu "submundo" correspondente, nenhuma guerra legal contra a carne conseguiria restringir a exploração animal; apenas causaria ainda mais problemas. A raiz deste tipo de problemas reside no desejo, socialmente criado e reforçado, de produzir e consumir coisas que realmente não necessita-mos. Tudo sobre a sociedade actual diz que "necessitamos" de drogas e de carne. O que nós realmente necessitamos é de destruir esta sociedade!

Um vegano deve ir para além da compreensão monista da opressão não-humana e perceber as suas raízes nas relações sociais humanas. Deve também estender o seu modo de vida a uma resistência contra a opressão humana.

“Mais do que uma recusa em fazer parte na violência contra os animais não-humanos para obter comida, roupa, etc., o veganismo é uma recusa em participar na violência que afecta a sociedade como um todo. O veganismo trabalha para expôr e acabar com a súbtil indoctrinação da indústria da sociedade capitalista, que deseja des-sensibilizar a humanidade sobre a violência contra a maioria, para o ganho de uma minoria. “

- Joseph M. Smith, *The Threat of veganism*

Violência no quotidiano

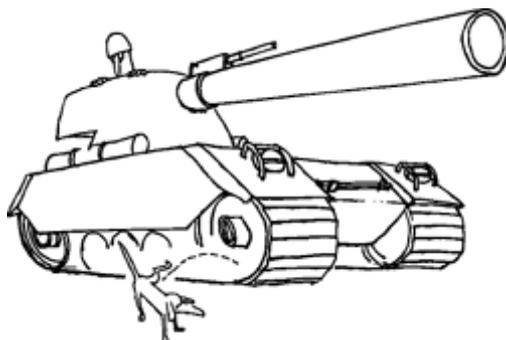
A nossa sociedade, poucos discordariam, é largamente baseada na violência. Para todo o lado que nos viremos parece haver violência, as imagens controladas pelos *media* corporativos acentuam esta percepção exponencialmente.

Esta violência, como parte da nossa cultura e da nossa existência, tem indúbitavelmente um profundo efeito em nós, a tal ponto que é difícil entender verdadeiramente as suas causas. Aqueles que estão como receptores dessa violência, naturalmente sofrem uma brutal perda de poder. Porque poder é um conceito social, nós como pessoas não compreendemos necessariamente o seu significado. Quando nos apercebemos de uma perda de poder, uma das nossas reacções típicas é consciencializarmo-nos do pouco poder que nos resta. Uma vez interiorizados os efeitos da opressão, carregamo-los connosco, muitas vezes apenas para nos tornarmos vitimadores. É uma verdade infeliz que as vítimas frequentemente se tornam criminosas, especificamente porque foram vítimas. Quando a agressão toma a forma de violência física, traduz-se frequentemente em mais violência.

Com isto presente, podemos claramente ver porque os abusos sobre os animais — seja directamente, no caso respeitante aos maus tratos de animais de estimação, ou indirectamente, no processo de

ingestão de carne — se relacionam com a violência social. Os humanos que são mal tratados, eles próprios tendem a mal tratar outros, e os animais estão entre as vítimas mais fáceis e mais indefesas. Isto mostra-nos ainda outra razão pela qual a opressão social deve ser combatida por aqueles preocupados com o bem-estar dos animais.

Esta causa-efeito dinâmica funciona para os dois lados. Foi demonstrado que aqueles que são violentos com os animais, directa ou indirectamente, é também mais provável que o sejam com outras pessoas. Pessoas que se alimentam segundo uma dieta vegetariana, por exemplo, são típicamente menos violentas do que aquelas que comem carne. Pessoas que abusam dos seus animais, provavelmente, não se ficam por aí, os seus filhos ou as suas mulheres são, com frequência, as próximas vítimas.

É absurdo pensar que uma sociedade que oprime animais será capaz de se tornar numa sociedade que não oprime pessoas. Reconhecer a opressão animal torna-se pré-requisito para uma mudança social radical.

“Com a sua tecnologia moderna – os mass media, os sistemas de transporte rápido, os computadores, os planos económicos, etc – o capitalismo pode agora controlar as próprias condições da existência. O mundo que vemos não é o mundo real, é uma visão do mundo que estamos condicionados a ver… A vida em si tornou-se um espectáculo contemplado por uma audiência… A realidade é agora algo que olhamos para, e pensamos sobre, não algo que experienciamos.”

- Larry Law *The spectacle: A Skeleton Key*

“Aqui no jardim zoológico, neste lugar de fascinação hipnótica, seres humanos vêm ver os seus próprios instintos enjaulados e esterelizados. Tudo o que é intrínseco à espécie humana, mas abafado pela sociedade capitalista, reaparece *de forma segura* no zoo. Agressão, sexualidade, movimento livre, desejo, divertimento, os puros impulsos de liberdade estão presos e expostos para o prazer alienado e para a manipulação de homens, mulheres e crianças. Aqui está o espectáculo inofensivo, em que tudo desejado pelos seres humanos existe apenas na condição de estar separado da realidade da existência humana… A condição de escravatura automáticamente coloca a questão: ‘Quais são as perspectivas de libertação?’ Escusado será dizer que a a noção de uma transformação revolucionária das relações entre humanos e animais é nos dias de hoje impensável.”

- The Surrealist Group

Alienação no quotidiano

Na raiz da opressão está a alienação. Os seres humanos são seres sociais. Somos capazes de sentir compaixão. Somos capazes de entender que existe um bem-estar social, um bem comum. Porque conseguimos sentir empatia com os outros, aqueles que nos fazem competir necessitam de nos alienar do efeito das nossas acções. É difícil convencer um ser humano a causar sofrimento a outro. É ainda mais difícil convencer um ser humano a agredir um animal não-humano sem razão aparente, ou a contribuir directamente para a destruição do seu ambiente natural.

Quando uma sociedade entra em guerra com outra, é um imperativo que os líderes de cada sociedade convençam as "massas" de que os adversários são maus e sub-humanos. Para além disso, os líderes devem esconder das pessoas os verdadeiros resultados da guerra: violência em massa, destruição e carníficina. É-nos dito que a guerra é algo que acontece noutro lugar, e esses "estrangeiros" que morrem, merecem-no...

A dinâmica opressiva nas relações sociais, está sempre baseada na dicotomia nós-eles, com uma distinção clara entre opressores e oprimidos. Para os opressores, o "nós" é supremo e privilegiado. A "riqueza" compreendida pelos ricos, é adquirida através de meios justos e honestos. Por exemplo, tanto o oprimido como o opressor são convencidos de que é a inabilidade dos pobres e a sua incompetência o que os torna assim.

Não é reconhecido o facto de que o privilégio económico gera automáticamente desigualdade. Simplesmente não existe suficiente para todos quando alguns podem retirar mais do que aquilo que partilham. Mas os ricos estão alienados deste truísmo. Eles têm de se defender, doutra maneira não seriam capazes de justificar a desigualdade para a qual contribuíram.

Passa-se o mesmo com qualquer dinâmica opressiva.

Os veganos compreendem que a exploração humana e o consumo de animais é facilitado pela alienação. As pessoas não seriam capazes de viver da maneira como vivem – com o desperdício e sofrimento animal – se compreendessem os *verdadeiros* efeitos desse consumo. Isto é precisamente a mesma razão pela qual, numa fase posterior, o capitalismo afastou completamente o consumidor do processo produtivo. A tortura acontece noutro lugar, dentro de portas bem fechadas. Simpatizando com as vítimas da opressão especista, os humanos não seriam capazes de levar as vidas que levam.

Os humanos têm ainda de ser alienados da ideia simples e razoável que está atrás do veganismo. Com o objectivo de manter uma dicotomia nós-eles, entre humano e "animal" (como se nós não fossemos animais!), não nos permitem ouvir argumentos que transcendam este falso senso de dualidade.

É-nos dito que os humanos podem empregar uma linguística complexa e formas de pensamento estruturadas. Os não-humanos não. Os humanos são pessoas, os outros são bestas, no máximo... Os animais são considerados menores, não só por natureza, mas através duma desumanização activa, um processo através do qual as pessoas tiram conscienciosamente a importância aos animais. Afinal, a inabilidade para falar ou a razão duma capacidade "iluminada", não sujeita as criança ou as pessoas com atraso mental à violência que os milhões de não-humanos sofrem todos os dias.

Encaremos isto, a dicotomia entre humanos e animais é mais arbitrária do que científica. Não é diferente do que aquela colocada entre "brancos" e "negros" e "vermelhos"; entre "adultos" e "crianças", entre "heterosexuais" e "homosexuais"; "conterrâneos" e "estrangeiros". As linhas foram desenhadas sem critério e com uma intenção desonesta, e nós somos manipulados pelas instituições que nos levam a acreditar que estamos num desses lados, e que a divisão é racional.

No dia-a-dia somos alienados dos resultados da maioria das nossas acções. Quando compramos um produto alimentar da mercearia, podemos ler a lista de ingredientes e usualmente ver quando os animais foram assassinados ou torturados no processo produtivo. Mas será que sabemos alguma coisa das pessoas que fizeram esse produto? Será que as mulheres recebiam menos do que os homens? Seriam os negros subjugados pelos brancos na fábrica? Será que a união ou a colectivização de esforços dos empregados foi esmagada? Terão sido chacinados centenas numa linha de piquete por reivindicarem um salário que permitisse viver?

Quando eu como macho converso com uma fêmea, ou com alguém mais novo do que eu, serei eu dominador e subjugador, tal como a minha condição o é numa sociedade patriarcal? Será que eu como "branco" me vejo (ainda que subconscientemente) num grau de "superioridade" em relação aos "negros"? Verdadeiramente, será que eu vejo as pessoas de côr como algo inerentemente diferente de mim? Estas são as questões que não estamos encorajados a perguntar a nós mesmos. Mas devemos fazê-lo. Para vencermos a alienação

temos de estar vigilantes e ser críticos, não só em relação ao mundo que nos rodeia, mas também em relação às nossas próprias ideias, perspectivas e acções. Se queremos extinguir os opressores que temos na cabeça, temos de questionar constantemente as nossas crenças e pressupostos. O que devemos perguntar a nós próprios como indivíduos, são os efeitos das nossas acções, não só os efeitos dos que nos rodeiam, mas também os do nosso ambiente natural.

Como componente e chave para a perpetuação da opressão, toda a alienação deve ser destruída. Sempre que ignoremos o sofrimento no matadouro e nos laboratórios de vivissecção, podemos ignorar as condições no Terceiro Mundo, o *ghetto* urbano, o abuso doméstico, a autoridade das classes dirigentes, etc.. A capacidade para ignorar alguma forma de opressão é a capacidade para ignorar todas as formas de opressão.

“Será antes de tudo uma teoria prática – uma teoria da prática revolucionária - ou não será nada… nada, senão uma aquário de ideias, uma interpretação contemplativa do mundo. O reino das ideias é a eterna sala de espera dos desejos irrealizados.”

- *The Spectacle Revolutionary Self-Theory*

O esforço revolucionário

Entendermo-nos a nós mesmos e a nossa relação com o mundo.

O que nos rodeia não é mais do que o primeiro passo até à revolução. Teremos então de aplicar os nossos entendimentos até um programa prático de acção. Quando falo de acção, não me estou a referir meramente aos acontecimentos semanais ou mensais quando nós, em colaboração com um grupo organizado, mostramos os nossos princípios numa manifestação ou executamos um conjunto de tarefas planeadas.

Agir não é assim tão limitado. Isso pode ser encontrado na nossa vida quotidiana, na nossa rotina e nas actividades menos rotineiras. Quando afirmamos as nossas crenças participando num debate, no trabalho, à mesa de jantar, nós estamos a *actuar*. Na verdade, quer nos apercebamos ou não, tudo o que fazemos é uma acção ou conjunto de acções. Reconhecer isto permite-nos transformar o nosso quotidiano de momentos repressivos ou alienados em momentos libertários e revolucionários.

O papel do revolucionário é simples: *torna a tua vida num modelo em miniatura da sociedade alternativa, revolucionária que imaginas.* Cada um é um microcosmos do mundo que nos rodeia, e até a mais básica das nossas acções afecta o contexto social do qual fazemos parte. Torna os efeitos dessas acções positivas e radicais na sua natureza.

A revolução tem de fazer parte do nosso modo de vida, guiada pela visão e forçada pela compaixão. Qualquer pensamento que tenhamos, qualquer palavra que digamos, qualquer acto que realizemos tem de estar baseado numa *praxis* radical. Temos de libertar os nossos desejos através duma crítica constante daquilo que nos ensinaram a pensar, e dum questionamento constante daquilo que realmente queremos. Quando os nossos desejos forem conhecidos, deveremos então actuar segundo o seu interesse.

Depois de identificar o funcionamento da nossa sociedade, e decidir aquilo que desejamos essencialmente, deveremos começar a desmantelar o presente e a construir o futuro – e devemos executar estas duas tarefas simultâneamente. À medida que derrubamos os vestígios da opressão, devemos também criar, através da convergência e da espontaneidade, novas formas de relacionamento social e ambiental, facilitado por novas formas organizativas. Por exemplo, falando a nível económico, onde hoje está a gestão privada terá de estar a gestão social amanhã. Quando a produção, o consumo e o armazenamento são hoje ditados por forças de mercado irracionais, no futuro terá de existir um sistema racional para aquisição e distribuição de bens materiais e serviços, direccionado para a equidade, a diversidade, a solidariedade, a autonomia e aquilo que consideramos serem os valores que guiam os nossos sonhos.

Como visionário, o vegano anseia por um mundo livre de exploração animal. Para além disso, deseja um relacionamento verdadeiramente pacífico e saudável entre a sociedade humana e o seu ambiente natural. O movimento da ecologia radical mostrou-nos que uma natureza não-animal tem um valor que não pode ser quantificado em termos económicos, da mesma maneira que os veganos demonstraram a importância dos animais não-humanos, um valor que não pode ser calculado pelos economistas, somente medido pela compaixão humana. Essa compaixão, demonstrada ao proletariado pelos socialistas libertários, às mulheres pelas feministas, às pessoas de côr e étnias marginalizadas pelos intercomunalistas, às vítimas do estado pelos anarquistas, é a mesma compaixão sentida pelos

veganos e ambientalistas radicais em relação ao mundo não-humano. Cada um de nós necessita de abraçar todos estes “tipos” de radicalidade – e incorporar essas ideologias numa só teoria holística, num só sonho, numa só estratégia e prática – é uma verdade que não nos podemos permitir ignorar. Só uma perspectiva e um modo de vida baseado numa compaixão verda-deira pode destruir os alicerces da sociedade actual e iniciar a construção de novas e desejáveis relações e realidades. Isto para mim é a essência da anarquia. Ninguém que falhe ao abarcar todas as lutas contra a opressão como sendo suas, cabe na minha definição de anarquista. Isto dará origem a muitas questões, mas eu nunca vou parar de perguntar isso a cada ser humano.

- Brian A. Dominick

Notas

[1] **Praxis:** a fusão da teoria e da prática; um modo de vida conscientemente enraizado na teoria social.

[2] **Alfs :** Palavra escolhida para traduzir “Animal Liberationists“, significa activistas pelos direitos dos animais no sentido lato, abrangendo as diversas formas de actuação.

[3] **Idadistas:** Palavra inventada para referir normas discriminatórias com base na idade.

[4] **Idadismo:** Palavra inventada para referir a discriminação com base na idade.

[5] **Vivissecção:** prática de experimentação em animais através de operações, dissecações e outras formas de tortura.

[6] **Monista:** Qualquer teoria social que dê ênfase a uma opressão, como sendo mais importante que outra.

Posfácio da terceira edição

Quando a segunda edição deste panfleto saiu, acrescentei um apêndice mostrando a minha preocupação sobre algumas noções expressas no texto original. Em vez de fazer alterações ao conteudo do ensaio, que acredito manter ainda um discurso sólido, optei por discutir algumas das minhas recentes conclusões dentro do tema.

Sobre Libertação

Entre os problemas que agora tenho com o texto original, está a minha própria interpretação e utilização que eu e outros fazemos do termo "libertação", no sentido de descrever o que actualmente é a *libertação* dos animais da exploração e opressão humana. Acredito que "libertação" é um conceito particularmente humano, baseado no processo subjectivo de crescente consciencialização e auto-afirmação. A Libertação é pessoal, e é muito mais complicado do que meramente remover correntes físicas. Quando um prisioneiro é solto dos confins da encarceração, não está necessáriamente "liberto" das opressões de uma sociedade autoritária. Está apenas "livre" da cela. Alcançar a libertação - por si só um ideal talvez impossível para qualquer ser terrestre - é algo para além das capacidades de qualquer animal.

Pode ser argumentado que os animais violentados e vítimas de abusos (e que obviamente sofrem danos psicológicos) devem, tal como humanos oprimidos, sugeitar-se a um processo psicologico ou subjectivo de recuperação. Mas mesmo a recuperação pessoal, teóricamente dentro das capacidades de muitas espécies animais não-humanas, não é verdadeira libertação. Libertação, como eu a defino, requer uma cresecente consciencialização social, pela qual não humanos (e alguns humanos) simplesmente não possuem tal

capacidade, a sua textura é mais complexa que a da recuperação. Isto tudo pode parecer apenas uma questão de semântica. No entanto, insisto que se trata de muito mais. Por demasiado tempo, a libertação humana tem sido entendida exclusivamente como um processo estrutural e social. Quando alteramos as condições da sociedade, tornamo-nos livres. Eu acredito numa aproximação mais dialéctica. Temos de nos libertar, como colectivos de indíviduos, antes que possamos reestructurar a sociedade de uma forma que conduza à libertação. Ao mesmo tempo, antes que possamos tornar-nos pessoalmente livres(isto é autodeterminados, iluminados, etc) devemos reestructurar a sociedade e as suas instituições. Isto pode parecer um jogo em que somos gatos a perseguir a própria cauda. No entanto, quando olhamos desde uma perspectiva dialéctica, como um processo gradual, bilateral, de fluxo e refluxo, a complexide da teoria da libertação começa a desaparecer.

Os auto-proclamados “libertadores de animais”, típicamente sinceros e dedicados activistas, tendem a falhar em dois pontos. Primeiro, apenas nos podemos libertar a nós mesmos. O máximo que podemos conseguir fazer pelos outros é libertá-los das restrições que impedem a sua auto-libertação. Em segundo lugar, apenas aqueles que conseguem compreeder a complexidade da sua própria opressão podem combatê-la por um processo de libertação. Durante incontáveis séculos, as melhores tentativas dos humanos em direcção à liberdade, traduziram-se em lutas desesperadas para apenas serem livres de imposições autoritárias de sociedades opressivas. Como animais enjaulados, tem havido pouco mais no nosso horizonte que a destruição da jaula em si. No entanto, ao contrário dos animais enjaulados, temos o potencial de entender *porque é que* a jaula existe. Sabemos que há sempre mais jaulas, e enquanto não destruirmos a maquina *social* que produz tais jaulas (para ambos humanos e não humanos), o melhor que podemos esperar para chegar à liberação consiste em relativa e momentânea liberdade.

Redefinindo Veganismo

Gostaria também de clarificar as minhas definições de alguns termos, sobretudo "veganismo". A definição dada no texto original está correcta mas torna-se confusa no contexto do resto do ensaio, não suficientemente distinto do que eu chamo "vegetarianismo". Deixem-me ser claro: veganismo é a abstenção consciente, por razões éticas, de actos que contribuem directa ou indirectamente, para o sofrimento de seres sensíveis, sejam eles animais ou humanos. As pessoas chegam ao veganismo através de dois caminhos principais: preocupação pelos direitos dos animais, seu bem estar e liberdade, e preocupação pelo meio ambiente (seriamente prejudicado pela criação intensiva de animais). A abstinência do consumo de comida derivada de animais é apenas considerada vegetarianismo. A abstinência de consumo de carne, típicamente chamada vegetarianismo, é de uma forma apropriada chamada "ovo-lacto-vegetarianismo" porque os seus praticantes continuam a comer lacticínios e ovos. A maioria dos vegetarianos escolheram tal dieta porque ser mais saudável e assim não têm razões para deixar de consumir materiai de couro, produtos testados em animais, etc.

É importante notar que o veganismo não é um estado absoluto de ser. Em primeiro lugar, existem muitas interpretações do que constitui um ser sensível. Alguns argumentam que todos os animais, desde os mamíforos aos insectos, merecem todos a inclusão na categoria. No extremo existem aqueles que acreditam que as plantas *e* animais são igualmente merecedores de distinção, e escolhem comer apenas frutas e frutos secos (estas pessoas são normalmente referênciadas como "frutívoras"). Há ainda quem insista que muitos animais em relação aos quais não se pode demonstrar terem vontade individual, caracter distinto, aparato nervoso complexo ou alguma aparência de emoção, como os insectos e crustáceos, não são "sensíveis" segundo a sua definição. Não tenho espaço aqui para entrar em debate, mas

basta dizer que sejam quais forem as especificidades e definições de cada um, tem que ser entendido que nós partilhamos os mesmos princípios gerais, e estamos todos a tentar viver segundo esses valores da melhor forma que sabemos.

Em segundo lugar, apenas podemos esperar viver o veganismo como um ideal. Existem tantos produtos que se tornaram “necessidades” na vida moderna, tais como automóveis, rolos fotográficos, etc. que contêm partes derivadas de animais. A comida para animais de estimação é outra questão controversa. É importante sublinhar que apenas podemos esperar fazer o nosso melhor, dando passos importantes em direcção ao nosso ideal. Mesmo que tudo o que façamos seja deixar de comer carne este ano, estamos já a reduzir a nossa participação na exploração dos animais. Perdemo-nos quando impomos metas impossiveis a nós mesmos, e a seguir a alienação é o resultado típico de pedidos extremos aos outros.

As viabilidades do modo de vida

Sou o primeiro a mostrar descontentamento com esses radicais indigestos, a maioria deles da “velha escola”, que proclamavam que as mudanças do estilo de vida devem, pelo menos, estar ligadas ao “verdadeiro” trabalho de mudança social, o qual se deve limitar à restruturação das instituições sociais. Mesmo assim, a sua critica ao extremo oposto, o qual acredita que as mudanças individuais vão *ser* a revolução quando praticada numa larga escala, é importante. Devemos evitar ambos os extremos. Infelizmente, os anarquistas e veganos contemporâneos, de forma semelhante, tendem para uma abordagem aproximada ao modo de vida. Tal como mencionei no corpo do texto *Libertação Animal e Revolução Social,* existe uma dialéctica vital envolvida. O simples acto de mudarmos o nosso modo de vida, mesmo que o façamos junto doutros milhões de pessoas, não pode mudar o mundo nem as estruturas sociais geridas pelas elites para servirem os seus próprios interesses.

Alguns radicais vão ao ponto de dizer que o nosso modo de vida irá mudar “depois da revolução”. Tal noção é simplesmente um disparate. Os que crescem a ser consumistas cegos, cidadãos conformados, etc.., devem alterar de forma radical as suas práticas diarias, senão seremos incapazes de desenvolver uma sociedade equilibrada. De facto, nós nem procuramos mudar radicalmente o mundo à nossa volta enquanto não aprendermos a deixar de dar valor aos superfíciais e espectaculares efeitos e elementos do presente.

Não podemos estabelecer uma economia socialista que desencorage a produção de carne devido aos seus altos custos sociais e ambientais, a não ser que estejamos disposto a abdicar de consumir carne. Um inevitavel compromisso de uma economia saudável será a abolição das industrias exploradoras de animais, e tal é um óbvio avanço no tempo para aqueles (as pessoas) com o poder de construir tal economia. Mas porque devemos esforçar-nos em direcção a um sistema que resultaria na impossibilidade do consumo de carne, se não somos capazes de o fazer agora mesmo?

Por último é importante notar que as mudanças no modo de vida, tal como tornar-se vegano, na realidade, não constituem nenhum tipo de activismo concreto. Há muito mais para se ser um activista do que apenas tomar uma posição, neste caso específico, uma posição tranquila.

- Brian A. Dominick

Outubro, 1997

O que é a A.L.F. (Animal Liberation Front)?

A A.L.F. (Frente de Libertação Animal) utiliza a acção directa contra o abuso de animais, salvando-os e causando perdas financeiras aqueles que exploram os animais, normalmente através de danos e destruição de propriedade.

O objectivo a curto prazo é salvar o maior número possível de animais e directamente travar a prática de abuso sobre os animais. A longo prazo pretende-se acabar com todo o sofrimento animal, forçando as empresas responsáveis a falirem.

Porque as acções são ilegais, os activistas trabalham anónimamente, em pequenos grupos ou individualmente, e não possuem organização centralizada ou coordenada.

A A.L.F. consiste em pequenos grupos autónomos por todo o mundo que praticam a acção directa de acordo com os seus princípios. *Qualquer grupo de pessoas vegetarianas ou veganas que realizem acções dentro desta filosofia têm o direito de se considerar como parte da A.L.F.*

As acções da A.L.F. consistem em:

- Libertar animais de locais de violação dos seus direitos naturais (laboratórios, fábricas, quintas…) e colocá-los em locais onde possam viver as suas vidas naturalmente, livres de sofrimento.

- Provocar danos económicos aqueles que lucram com a destruição e exploração dos animais.

- Tomar todas as precauções necessárias para evitar ferir qualquer animal ou pessoa.

- Revelar, denunciar o horror e as atrocidades cometidas contra os animais.

Discórdia
e d i ç õ e s

contacto: discordia@mail.pt

Textos Publicados:

"Zona Autónoma Provisória", Hakim Bey, 1999
"Ai Ferri Corti", anónimo, 2000
"*O Anarquismo na sociedade pós-industrial*", C. Cavalleri, 2001

“Aqui no jardim zoológico, neste lugar de fascinação hipnótica, seres humanos vêm ver os seus próprios instintos enjaulados e esterelizados. Tudo o que é intrínseco à espécie humana, mas abafado pela sociedade capitalista, reaparece *de forma segura* no zoo. Agressão, sexualidade, movimento livre, desejo, divertimento, os puros impulsos de liberdade estão presos e expostos para o prazer alienado e para a manipulação de homens, mulheres e crianças. Aqui está o espectáculo inofensivo, em que tudo desejado pelos seres humanos existe apenas na condição de estar separado da realidade da existência humana… A condição de escravatura automáticamente coloca a questão: ‘Quais são as perspectivas de libertação?’ Escusado será dizer que a a noção de uma transformação revolucionária das relações entre humanos e animais é nos dias de hoje impensável.”

- The Surrealist Group

Discórdia
edições